

## RELATO

# DECUPANDO A CÂMERA FOTOGRÁFICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE FOTOGRAFIA NO CURSO DE JORNALISMO

Anamaria Teles<sup>1</sup>; [anamariateles@furb.br](mailto:anamariateles@furb.br)

## RESUMO

Neste relato procuro refletir sobre a minha experiência como docente de disciplinas de Fotografia para o curso de Jornalismo na Universidade de Blumenau (FURB), em Santa Catarina, em especial na primeira fase do curso, onde desenvolvo a estratégia pedagógica que chamo de decupagem da câmera fotográfica. Apresento a proposta da decupagem do aparelho, o espaço de trabalho e também o desafio das aulas remotas provocado pela pandemia. O exame das diferentes partes constitutivas da câmera fotográfica, com posterior realização de exercício prático de cada mecanismo separadamente, permite mais facilmente compreender o todo, a fotografia final, seu sentido e sua estética, em especial para os nativos digitais que muitas vezes têm no *smartphone* seu único dispositivo para produção e consumo de imagens.

## PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Fotojornalismo. Ensino. Jornalismo.

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho busco relatar a minha experiência como docente das disciplinas de Fotografia para o curso de Jornalismo na Universidade de Blumenau (FURB), em Santa Catarina. Com vinte anos de sala de aula como professora de Fotografia no ensino superior, proponho aqui refletir sobre o ensino de fotografia através de uma estratégia pedagógica que tenho adotado e tenho chamado de **decupagem da câmera fotográfica**.

Começo apresentando o espaço de trabalho e os equipamentos para posteriormente apresentar o conceito de decupagem e a forma como vem sendo utilizado. Antes, porém, convém esclarecer que o exposto aqui não pretende

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Regional de Blumenau (FURB).



REALIZAÇÃO



APOIO



esgotar o assunto, e não irá surpreender se outros docentes afirmarem que utilizam a mesma didática. Estratégias semelhantes podem ser executadas por diferentes professores, em diferentes lugares, mas muitas vezes este é um trabalho solitário, que não costuma ser registrado ou socializado. Assim, neste trabalho, busco ponderar sobre a prática da docência de fotografia no ensino superior, escrevendo seu desenrolar e trazendo a discussão à tona.

As aulas de fotografia na FURB acontecem no Laboratório de Fotografia, um estúdio/sala de aula com dimensão para comportar adequadamente até 25 estudantes. O espaço está dividido em duas partes, o estúdio/sala onde acontecem as aulas teóricas e práticas e o laboratório de revelação de filmes e papéis fotográficos. Separado da sala de aula por uma parede e uma porta giratória, que permite entrar e sair do quarto escuro sem entrar luz, o laboratório de revelação virou um atrativo para estudantes nativos digitais, não só os de graduação que têm Fotografia como componente curricular, mas também discentes do ensino médio que vêm conhecer o espaço e a prática histórica de processamento de filmes e papéis fotográficos.

O laboratório de revelação, por sua vez, é dividido em duas partes: uma parte úmida, onde os compostos químicos são manipulados, e uma parte seca – a sala dos ampliadores, aparelhos responsável (literalmente) pela ampliação do filme negativo de pequeno formato em cópias no papel fotográficos. Ambos os espaços possuem dimensão conveniente para até 25 estudantes trabalharem em grupos.

Com a pandemia, as atividades didáticas com filme fotográfico foram suspensas, pois o laboratório não possui janelas, o que tampouco serviria, pois para o processamento de materiais fotográficos o espaço precisa estar totalmente escuro (no caso dos filmes) ou com luz vermelha de baixa intensidade (no caso dos papéis fotográficos). Para não correr riscos desnecessários, estas atividades foram substituídas por descrição da prática, com leituras de vídeos e imagens para melhor compreensão do processo, além da demonstração do equipamento **fora** do laboratório, no espaço estúdio/sala.



REALIZAÇÃO



APOIO



O espaço do estúdio/sala de aula foi reformado durante o primeiro ano de pandemia, quando as aulas se tornaram remotas, pois originalmente também não possuía janelas. A ventilação era feita através de dois aparelhos de ar-condicionado do tipo *split*. Os aparelhos continuam lá, mas agora temos duas janelas grandes permitindo melhor circulação de ar. É nesse espaço que acontecem as aulas teóricas, com apresentação e discussão dos conceitos, visualização e análise de imagens em projetor multimídia, demonstração e manipulação de equipamentos.

## 2. METODOLOGIA

Chamo de **decupagem** da câmera fotográfica a didática adotada na primeira fase do curso de Jornalismo, na disciplina Fotografia I, que é introdutória ao tema das imagens em geral e da fotografia em particular.

Tomo emprestada do cinema e da televisão a expressão *découpage*, que significa a descrição em detalhes, por escrito, das cenas a serem filmadas, com indicação de ângulos, planos, diálogos e cenários previstos, entre outros. Por extensão de sentido, decupagem é também a “partição e reorganização de um texto para torná-lo mais compreensível” (HOUAISS, 2009).

Minha estratégia pedagógica para o ensino da fotografia propõe a decupagem da câmera fotográfica, isto é, o exame de suas diferentes partes constitutivas, com exposição teórica/técnica e posterior realização de exercício prático de cada mecanismo separadamente. Somente depois de esmiuçar suas diferentes partes, observando suas possibilidades é que iremos compreender o todo, isto é, a fotografia, ou pelo menos o modo como são construídos seu sentido e sua estética por quem opera o aparelho. Como propôs Philippe Dubois, “Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora de seu modo constitutivo, fora do que a faz ser como é” (1994, p. 59).

Buscando entremear teoria/técnica e prática, cada parte da câmera é discutida em um primeiro momento da aula, com apresentação de suas funções, tipos e efeitos. Após a explanação, os estudantes se organizam em grupos, duplas



REALIZAÇÃO



APOIO



ou mesmo individualmente, dependendo do tamanho da turma, e realizam um exercício fotográfico envolvendo o recurso abordado. As imagens são produzidas com câmeras digitais *reflex* do Laboratório de Fotografia, que ficam à disposição dos estudantes não só durante o semestre em que fazem a disciplina, mas também ao longo de todo o curso. Após a captação, as imagens são importadas para os computadores, selecionadas e postadas no ambiente virtual de aprendizagem para posterior projeção e avaliação conjunta das fotografias.

É importante pontuar que os estudantes de graduação de hoje são, em sua grande maioria, nativos digitais, com pouca ou nenhuma experiência com câmeras fotográficas *reflex* (de filme ou mesmo digitais). O *smartphone* é, para muitos, a única câmera a que têm acesso. Assim, esta estratégia de detalhamento das partes que compõe o todo da câmera parece ser especialmente importante para fixar os conceitos que podem, em um primeiro momento, parecer complexos aos olhos dos leigos.

### 3. CORTA! PRÓXIMA CENA: AULA NA PANDEMIA

O primeiro ano de pandemia provocou uma ruptura na rotina acadêmica e escolar em todo o mundo, e aqui, em uma cidade de médio porte do sul do Brasil, não poderia ser diferente. Mas ao contrário de outras instituições em que as aulas foram completamente interrompidas no momento inicial da presença do coronavírus no país, a FURB adotou a modalidade remota já na semana seguinte ao anúncio da pandemia pela OMS.

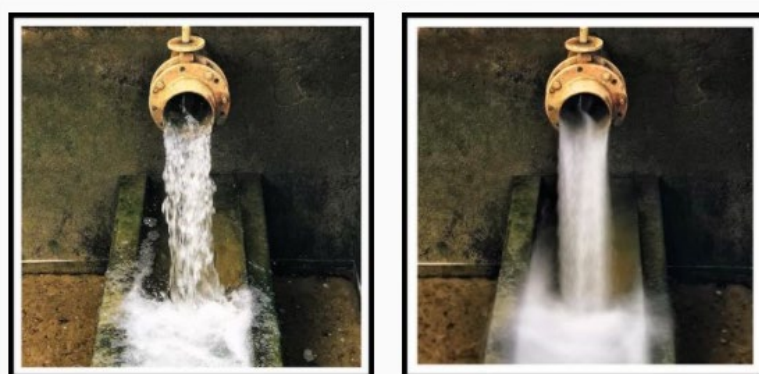
Tal medida foi, de modo geral, avaliada positivamente pelos estudantes, permitindo dar continuidade aos estudos sem maiores atrasos no calendário acadêmico, pelo menos nas disciplinas em que era possível a condução dessa forma. Já para as professoras e os professores de disciplinas práticas, a situação não foi tão fácil, exigindo improviso e criatividade ao desafio de levar para o computador o universo das aulas de laboratório.

No curso de Jornalismo, a disciplina de Fotografia I é ministrada na primeira fase, com grande expectativa dos estudantes com relação às atividades

práticas. O impedimento destas práticas em laboratório, junto dos colegas, foi motivo de grande frustração para muitos, ainda que a causa da mudança da modalidade de ensino fosse plenamente justificada. Em outros curso em que leciono, onde a disciplina de Fotografia é posicionada mais adiante na matriz curricular e não no início, o *feedback* dos estudantes com relação às aulas remotas de fotografia foi bem mais positivo.

A proposta de decupagem da câmera foi mantida, utilizando para as atividades práticas as câmeras que os estudantes dispunham em casa, que foram, na grande maioria das vezes, o próprio celular. Usando recursos de aplicativos como o Adobe Lightroom para *smartphones*, os estudantes conseguiam controlar o tempo de exposição da fotografia, obtendo efeitos de movimento na imagem, atividade que antes era realizada com as câmeras *reflex* do laboratório. Exploramos recursos disponíveis nos aparelhos móveis como o recurso *Live* do iPhone, que simula o efeito de longa exposição feito com câmeras fotográficas (como pode ser observado nas imagens a seguir).

**Fotografias 2 e 3: fotografia original captada com *smartphone* (imagem da esquerda) e simulação do efeito de longa exposição desta mesma imagem produzida no próprio aparelho com o recurso *Live* (imagem à direita).**



Fotos: Anamaria Teles



REALIZAÇÃO



APOIO



Outro recurso utilizado foram os simuladores de câmera digital *reflex* disponível na internet, em que o estudante, a partir de uma determinada cena, pode controlar a regulagem de entrada de luz da câmera, entre outras possibilidades, treinando as várias combinações possíveis e vendo o efeito estético produzido na imagem.

Abordo também a questão prática e ética do tratamento e da edição das imagens fotográficas, que hoje podem ser feitas facilmente pelo celular. A edição e construção de um novo significado na imagem fotográfica não é algo novo, mas ganha uma nova dimensão com a tecnologia digital, ficando mais facilmente acessível a todos e não mais restrita aos especialistas:

Já na época da fotografia analógica a função de prova pela imagem se reduzia a algumas poucas situações. Uma imagem atestava simplesmente que o que se via nela tinha de fato existido. Era um atestado de existência, não uma demonstração de sentido. Sempre se pode fazer com que a imagem diga o que se deseja. [...] Hoje ocorre algo mais profundo. Além da ideia de que a fotografia pode ter sido manipulada, que sempre existiu, algo em sua própria natureza foi colocada em dúvida. Uma foto digital pode fazer com que diversos elementos intervenham, pode relacionar de mil maneiras, e com facilidade desconcertante, fundos e primeiros planos. Com qualquer programa de tratamento de imagem, faço em segundos uma selfie em frente a um monumento de Pequim – ainda que eu nunca tenha pisado ali. (DUBOIS, 1999, on-line)

Depois da decupagem da câmera e dos exercícios práticos realizados, proponho aos estudantes para aplicarem os conceitos apreendidos ao longo do semestre em um ensaio fotográfico de encerramento da disciplina de Fotografia I. Cada um pode escolher o tema de seu interesse e desenvolver um ensaio com no mínimo 10 fotografias, um título e unidade estética e temática. Neste momento os estudantes têm liberdade para optar pelo tema e pela abordagem que acharem mais convenientes, já que na segunda fase do curso, na disciplina de Fotojornalismo, os estudantes se depararão com questões mais específicas do campo profissional. Nesta segunda disciplina a proposta é produzir imagens a partir de uma pauta e com critérios jornalísticos: “No fotojornalismo, como em



REALIZAÇÃO



APOIO



qualquer outra utilização da fotografia, o que importa é a eficiência da foto em transmitir com clareza uma informação” (GURAN, 1999, p. 10).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste percurso, busquei refletir sobre o ensino da fotografia na fase inicial do curso de Jornalismo, com nativos digitais praticantes do que se convencionou chamar de *mobgrafia* – a fotografia feita com dispositivos móveis. Apesar dos desafios colocados pela pandemia, com um pouco de criatividade e muito improviso, explorando os recursos disponíveis nos *smartphones* e nos seus aplicativos, foi possível dar conta de uma disciplina prática em ambiente remoto.

A proposta de decupagem da câmera fotográfica, com o exame de suas diferentes partes constitutivas (objetivas, controle de velocidade de obturador, abertura de diafragma, ISO, entre outras), com posterior realização de exercício prático de cada mecanismo separadamente, permite mais facilmente compreender o todo, a fotografia final, seu sentido e sua estética, em especial para os nativos digitais que muitas vezes têm no *smartphone* seu único dispositivo para produção e consumo de imagens.

#### REFERÊNCIAS

DECUPAGEM. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

DUBOIS, Philippe. Philippe Dubois e a elasticidade temporal das imagens contemporâneas. **Zum**, São Paulo, on-line, 7 de fev 2018. Entrevista concedida a Lúcia Ramos Monteiro. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-philippe-dubois/>>. Acesso em: 13 mar 2022.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.